

# Sarney volta à cena

CORREIO BRAZILIENSE

Surpreso com a pesquisa do Ibope, que o coloca em segundo lugar e em ascensão, o ex-presidente Sarney começa a rever sua decisão de não se candidatar. Na verdade, não é exatamente ele que o faz. São aliados seus, espalhados no PMDB, PFL e PP, que começam a vê-lo como o político mais qualificado para exercer o papel anti-Lula.

Sarney, claro, não é insensível aos apelos. Mas receia nova exposição pública de sua imagem, especialmente após os dissabores enfrentados no curso da CPI do Orçamento, quando sua filha Roseana correu o risco de sentar-se no banco dos réus.

Foi ali que Sarney desistiu de candidatar-se. Amargurado e ressentido, saiu de cena. Agora, porém, diante dos números da pesquisa do Ibope, publicada anteontem pelo **Correio Braziliense**, reanimou-se. A pesquisa mostra o ministro Fernando Henrique Cardoso em quarto lugar, com apenas 9% das preferências. O ministro, que ainda não conseguiu resolver todos os desafios políticos que cercam sua candidatura, também está tendo, como se vê, dificuldades no teste de popularidade.

Sarney acredita que, nesse particular, a pesquisa não deixa dúvida quanto ao seu potencial: está fora do noticiário sucessório há meses, não é candidato e ainda há pouco foi alvo de numerosas denúncias veiculadas por um jornal carioca. No entanto, continua sendo o segundo nas preferências, perdendo apenas para Lula, que é candidato há anos e está diariamente na mídia.

As forças conservadoras e socialdemocratas procuram com avidez um nome eleitoralmente viável e politicamente confiável, capaz de derrotar Lula nas urnas. Todos os nomes até aqui cogitados têm problemas: ou de ordem partidária ou junto à sociedade

civil ou em ambas as frentes. Fernando Henrique tem boa aceitação junto às elites, mas tem dificuldades em selar a aliança partidária. Quércia e Maluf podem até viabilizar-se partidariamente, mas carregam índices expressivos de rejeição junto à sociedade e mesmo às elites.

Sarney, embora no PMDB, tem ligações fortes com pelo menos três outros partidos: PFL, PPR (ex-PDS) e PP. Dos dois primeiros, é fundador; do PP é um quase adepto. Desistiu de filiar-se já com a ficha na mão. Mas lá está um grande aliado e amigo seu, o governador de Brasília, Joaquim Roriz, um dos caciques do partido.

No PFL, caso decidisse mesmo candidatar-se, não tem dúvida de que teria o apoio da maior liderança do partido, o governador Antonio Carlos Magalhães, seu ex-ministro. No PPR, haveria menos entusiasmo, mas não haveria também maiores resistências. O problema maior, paradoxalmente, está em seu partido, o PMDB. Não há propriamente veto; há indiferença em torno de seu nome, apesar das potencialidades eleitorais positivas que ele identifica em si mesmo.

De fato, seu nome não é cogitado nem pelo esquema quercista, nem pela chamada ala ética do partido, onde desponta a bancada do Rio Grande do Sul. Como não há mais prazo para mudança do partido, todo o potencial que o ex-presidente identifica na pesquisa do Ibope torna-se inútil, se o comando do PMDB não se sensibilizar.

O ex-presidente viaja hoje para Paris. E leva consigo alguns estudos de aliados políticos que recomendam seu retorno imediato à cena sucessória, para ocupar o lugar de Fernando Henrique — o de candidato de consenso. Sarney, dizem, está entusiasmadíssimo.